

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v.15.n.35.05>

O feminino fantástico na obra de Nikelen Witter

The fantastic feminine in the work of Nikelen Witter

Rebeca Genildes Peneluc Rocha*

Fernanda Kieling Pedrazzi**

Resumo: O artigo faz parte de uma pesquisa de Mestrado sobre o movimento cultural *Steampunk* e os escritores que fazem *Steampunk* em Santa Maria/RS. Apresenta-se como um recorte de uma dissertação de Mestrado e visa mostrar a representação feminina na escrita da *Steampunk* Nikelen Witter. Essa proposta possibilita estabelecer relações entre o feminino presente na literatura fantástica e o papel da mulher na sociedade. A narrativa da autora, como forma de problematizar essas relações femininas, possibilita refletir o mundo patriarcal que cerca a mulher a partir desse segmento literário. Busca-se compreender como as mulheres, nessas narrativas, quebram com padrões sociais estabelecidos por comportamentos, personalidades e, conseqüentemente, estereótipos de identidades femininas, em contraponto com a realidade cotidiana.

Palavras-chave: *Steampunk*. Literatura. Fantatismo. Feminismo. Fantástico.

Abstract: This article is part of a master's research on the Steampunk cultural movement and on the writers who make Steampunk in Santa Maria – RS. It is presented as an excerpt from the master's thesis and aims to show the female representation in the writing of Steampunk Nikelen Witter. This proposal endeavors to explore the correlation between the role of women in society and the feminine present in fantastic literature. The author's narrative, as a way of problematizing these female relationships, makes it possible to reflect on the patriarchal world that surrounds women, based on this literary segment. We seek to understand how the women in these narratives defy social expectations based on behaviors, personalities, and the prevailing stereotypes of female identities, in contrast to the everyday reality of women.

Keywords: Steampunk. Literature. Fantasy. Feminism. Fantastic.

Introdução

Este trabalho é um recorte de uma dissertação de Mestrado sobre o movimento cultural *Steampunk* e os escritores gaúchos que escrevem *Steampunk* em Santa Maria/RS. Nikelen Witter é uma escritora representante do movimento *Steampunk* no Brasil. No cenário

* Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

** Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

santa-mariense, ela divide as atenções com os colegas de profissão e escrita Enéias Tavares e A Z Cordenonsi, com os quais escreveu a obra *Guanabara Real – Alcova da morte*, reconhecida pelo Prêmio LeBlanc³ de melhor romance por obra escrita a seis mãos.

Os três escritores também são professores da Universidade Federal de Santa Maria, a UFSM. Além de escritora, Nikelen é historiadora e seu primeiro livro, *Dizem que foi feitiço* (2001), é um livro não ficcional. A escritora acumula prêmios e outras indicações por seus livros e contos. Segundo informações encontradas no site Avec Editora⁴, a professora e pesquisadora escreveu *Territórios Invisíveis* (Estronho, 2012, e Avec, 2017) – finalista do Prêmio Argos de melhor romance fantástico (2013); *Guanabara Real e a Alcova da Morte* (Avec, 2017), com Enéias Tavares e AZ Cordenonsi (vencedores dos Prêmios Le Blanc e AGES). Esse ano, os três autores lançaram a segunda parte, *Guanabara Real: O covil do demônio* (2022).

Recentemente, Nikelen ganhou o Prêmio Açorianos de Literatura (2022), com o conto “Dezessete mortos” (2020). O seu outro romance, *Viajantes do Abismo* (2019), também foi premiado pela Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social com o Prêmio Bunkyo. O mesmo livro foi finalista do Prêmio Jabuti em 2020. A gaúcha lançou outros contos em coletâneas, entre eles, “Vaporpunk – Uma missão para Miss Boite” (2016) e “Mary G.”, finalista do prêmio Hydra (2014). Além disso, foi organizadora do *Odisseia de Literatura Fantástica* nos anos de 2012, 2013 e 2014.

Em suma, este trabalho tem por objetivo analisar a representação do feminino nas obras de Nikelen, precisamente o feminismo presente no livro *Viajantes do abismo* (2019), e assim, relacioná-lo com as outras personagens das obras de Nikelen, como as personagens principais de *Territórios Invisíveis* (2017), as personagens dos contos “Dezessete mortos” (2020) e “Uma missão para miss Boite” (2016). A partir de uma análise comparativa das identidades femininas nessas obras, em relação à ficção fantástica, será possível entender o universo da mulher à luz do insólito, do sobrenatural, da fantasia ou do Fantatismo, conceituado por Matangrano e Tavares (2019, p. 249) como

³ O Prêmio LeBlanc é uma premiação brasileira dedicada a produções nacionais nos campos de história em quadrinhos, animação, literatura fantástica e games. Disponível em: <https://premioleblanc.eco.ufrj.br/>. Acesso em 07 dez. 2022

⁴ Disponível em: <https://aveceditora.com.br/autores/nikelen-witter/>. Acesso em: 09 dez. 2022.

um “movimento literário específico em torno da defesa, produção e divulgação da literatura fantástica, com especial enfoque na fantasia ou em criações híbridas aparentadas a ela”.

Esta pesquisa é de cunho bibliográfico, com leitura de textos e obras relacionados ao tema, a fim de correlacionar padrões estabelecidos pela sociedade com a representação feminina encontrada nas obras selecionadas. Como fonte de pesquisa, buscaram-se artigos e obras que contemplassem discussões acerca de gênero, cultura e feminismo na literatura. Teóricos como Hall (2015), Connell (2016), Compagnon (2010), Derrida (2014) e outros, com suas discussões sobre literatura, gênero, identidade e cultura, são fundamentais para entender-se a relação entre o real e o ficcional estabelecido nessas narrativas.

A escrita feminina pode ser entendida pelas relações entre gênero e literatura. Tais intersecções são oriundas de articulações sociais que determinam o que Hall (2015) define como “posições de sujeito”, isto é, identidades. Ele argumenta que essas “posições de sujeito”, determinadas pelas sociedades da modernidade tardia, são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais. Entretanto, essas identidades permanecem abertas.

Dessa maneira, é importante saber como essas posições são marcadas nessas histórias e como essas identidades se fazem presentes, suscitando reflexões e debates, rompendo com padrões já estabelecidos e modificando o papel do feminino no texto literário. A diferença sexual define a identidade e a posição social do indivíduo. Connell (2016, p.17) nos avisa que “práticas sociais não acontecem sem corpos”. Segundo a autora, o gênero é corporificado; uma corporificação social fortemente estruturada.

Desse modo, a escrita feminina precisa corporificar o feminino questionando o sistema de representação já estabelecido. Na acepção de Hall (2016, p.31), um sistema de representação consiste em “utilizar a linguagem para, inteligivelmente, expressar algo sobre o mundo, ou representá-lo a outras pessoas”. Portanto, esses espaços literários devem ser ocupados por corpos femininos, explicados pela escrita feminina, para que a representação seja contra o hegemônico, contra a representação já massificada na política, na educação e na sociedade em geral.

Nessa perspectiva, a literatura tem uma função humanizadora, redentora. Segundo Compagnon (2010, p.35), o “modelo humanista dizia que há um conhecimento do mundo e dos homens propiciado pela experiência literária [...], um conhecimento que só (ou quase só), a experiência literária nos proporciona”. Por meio da linguagem literária, de autoria feminina, a aprendizagem do corpo feminino – situado na História, na realidade cotidiana – pode expressar novos sentidos a serem reorganizados no imaginário coletivo.

Algumas considerações sobre literatura fantástica

As narrativas com elementos do modo de narrar fantástico são antigas e oriundas dos tradicionais contos orais: “antigas como o medo, as ficções fantásticas são anteriores às letras. As assombrações povoam todas as literaturas: estão no Avesta, na Bíblia, em Homero, no Livro das mil e uma noites”, afirma o organizador do livro *Antologia da literatura fantástica*, Adolfo Bioy Casares (2019, p. 10). Rodrigues (1988), em seu livro *O fantástico*, afirma que, em sentido amplo, pode-se dizer que a mais antiga forma de narrativa é a fantástica.

O fantástico, dessa forma, insere-se como uma narrativa literária que se caracteriza pela manifestação de fenômenos estranhos, insólitos e sobrenaturais em suas histórias. Em suma, conforme afirma Tzvetan Todorov, em seu livro *Introdução à Literatura Fantástica* (1970), a expressão “literatura fantástica” diz respeito a um gênero literário que se define, essencialmente, em relação aos conceitos de real e de imaginário na produção ficcional.

Para Todorov (2010, p. 36), o fantástico se define a partir dos efeitos de incerteza – “cheguei quase a acreditar” – e hesitação provocados no leitor em face de um acontecimento sobrenatural – “A hesitação do leitor é, pois, a primeira condição do fantástico” (TODOROV, 2010, p. 37) –, reconhecendo o leitor com um papel integrante na obra, no mundo das personagens, de forma a agir ativamente na construção do fantástico na narrativa literária.

Segundo Todorov (2010, p. 30), “o fantástico é experimentado por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural”. Para ele, o personagem e o leitor são mantidos na dúvida sobre o que é real e o que é imaginário na narrativa. Rodrigues (1988) explica que essa hesitação que contamina o leitor permanecerá com a sensação do fantástico predominante sobre

as explicações objetivas. Ainda segundo a autora, a literatura se nutre desse frágil equilíbrio que balança em favor do inverossímil e acentua ambiguidade.

O pensador búlgaro ainda acrescenta, aos estudos sobre o fantástico, outros subgêneros, definidos por características próprias que os diferenciam, embora, segundo o teórico, não haja limites certos entre eles: estranho puro, fantástico-estranho, fantástico-maravilhoso e maravilhoso-puro. Segundo o crítico, esses subgêneros compreendem as obras que mantêm por muito tempo a hesitação fantástica, mas terminam, enfim, no maravilhoso ou no estranho.

Desde as primeiras noções sobre o fantástico de Nodier (1780-1844), passando pela teoria de Todorov, até chegar ao neofantástico de Jaime Alazraki (1934-2014), diversos críticos contribuíram com suas acepções sobre o tema para o entendimento do movimento literário. Assim, foi possível saber que a literatura fantástica foi profusa e fértil, realizando-se em uma época em que nascia a literatura de Flaubert (1821-1880), Eça de Queiroz (1845-1900) e a transformadora filosofia social de Comte (1798-1857), nos efervescentes séculos XVIII e XIX. Por conseguinte, a narrativa fantástica se consolidou em diversas narrativas e, por isso, foi investigada no campo dos estudos literários ao longo de décadas.

No Brasil não seria diferente. Seguindo essa abordagem, a investigação de muitos pesquisadores sobre as obras brasileiras, resultou em grandes estudos, como livros, teses e dissertações acadêmicas sobre o tema fantástico. Alguns desses trabalhos tentam classificar historicamente a origem, estrutura e produção fantástica brasileira. Assim, a partir de um estudo de dois pesquisadores acadêmicos – Enéias Tavares e Bruno Matangrano – que visa sistematizar toda a produção fantástica e suas vertentes produzidas no país, concebeu-se um novo movimento literário: o Fantatismo.

Segundo Matangrano e Tavares (2019), o movimento fantasmista assim é denominado por um consenso entre críticos, autores de fantasia, leitores etc. O movimento fantasmista abarca todas as obras classificadas como insólitas, de um modo geral. Ainda segundo os autores, o Fantatismo a brasileira assimila elementos do movimento fantástico, adaptando-os à cultura nacional: “o fantatismo recupera o aspecto antropofágico do movimento modernista e o aplica em sua própria categoria, a fim de abasileirar em costumes, locais e aspectos

culturais toda a narrativa fantástica importada” (MATANGRANO; TAVARES, 2019, p. 13).

O fantástico e a autoria feminina

“Bela, recatada e do lar”. Esse era o modelo idealizado pelo patriarcado e relegado às mulheres, visando criá-las virginais, delicadas e servis. Validado pelo Estado e respaldado pela religião, esse era o comportamento ensinado às mulheres da nossa sociedade, desde séculos atrás. Desde as que foram queimadas na Idade Média até as que queimaram sutiãs em praças públicas, as mulheres foram subjugadas em suas múltiplas capacidades e exiladas da vida intelectual e cultural da sociedade de diversas maneiras. O combate a esse sistema opressor, a conquista dos direitos fundamentais bem como a conquista do espaço social da mulher são lutas diárias.

Sendo assim, não é novidade que as escritoras lutam por espaço e ascensão em um mundo literário que sempre teve destaques masculinos. É sabido que muitas escritoras usaram o artifício de pseudônimo para publicarem seus livros sem sofrerem preconceito ou apagamento intelectual. A exemplo disso, cita-se *Frankenstein – O Prometeu moderno* (1818), escrito por Mary Shelley, mas publicado sob um nome masculino para que a obra não fosse julgada por ter sido escrita por uma mulher. A obra fez bastante sucesso com famosas adaptações até os dias atuais.

Contudo, no cenário mundial, temos exemplos de obras espetaculares e famosas, do modo de narrar fantástico, feitas por mulheres, como o romance *O Velho barão inglês* (1778), escrito por Clara Reeve, um livro de ficção gótica, inspirado em *O castelo de Otranto*, de Horace Walpole. Nessa linha, a escritora Ann Radcliffe lança o livro *Os mistérios de Udolpho* (1794). Outra escritora inglesa importante para esse movimento literário é Emily Brontë, com o livro *Morro dos Ventos Uivantes* (*Wuthering Heights*, 1847), inspiração da música *Wuthering Heights*, canção homônima do livro, da cantora Kate Bush.

A inglesa Agatha Christie (1890), famosa escritora de suspense, tem elementos de terror, suspense e insólito em seus livros e teve suas obras adaptadas diversas vezes para o cinema e a televisão. Outra escritora de língua inglesa que tinha o estilo gótico e grotesco nos seus contos é a americana Flannery O’Connor (1925-1964). Atualmente conhecemos a bem-sucedida J.K. Rowling, escritora, roteirista

e produtora cinematográfica britânica, autora da famosa série *Harry Potter*.

Na tradição da literatura brasileira, muitos nomes femininos foram ocultados ou pouco mencionados pela imprensa do grande público. Maria Firmina dos Reis, escritora e educadora, escreveu um dos primeiros romances e foi a primeira escritora negra de nosso país. Seu romance, *Úrsula*, publicado pela primeira vez em 1859, foi considerado o primeiro romance afro-brasileiro. O livro não é do movimento fantástico, porém apresenta elementos do gótico, com cenas de cemitério, personagens enlouquecidos, delirantes, cenários sombrios, fatos trágicos, desesperantes como a morte de Tancredo no dia do seu casamento com *Úrsula*. Tais características se assemelham ao terror e ao medo de que povoam a ficção gótica da época.

Firmina é outra escritora que também protegia sua identidade por causa do preconceito e assinava seus livros como “uma maranhense”. Reconhecendo essa infâmia realidade, ela escreve em seu prólogo: “sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, educação acanhada e sem o trato e a conversação dos homens ilustrados” (FIRMINA, 2018, p.13). A escritora ficou por anos oculta, esquecida e somente agora está recebendo os méritos devidos à importância histórica de suas obras. Por sua obra e importância histórica, a escritora foi homenageada na 20ª edição da tradicional Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), em novembro de 2022. A vida e obra da homenageada foi debatida a partir da discussão de temas como gênero, literatura, abolicionismo e História do Brasil.

Outras escritoras foram resgatadas do anonimato, como Emília Freitas (1855), autora do livro *A Rainha do Ignoto* (1899), considerado o primeiro romance fantástico do Brasil, mas que só ficou conhecido do público leitor em 1980, pelo pesquisador Otacílio Colares, que tomou conhecimento de sua obra e realizou uma segunda edição do livro. Logo de início, no livro, a autora escreve uma nota explicativa endereçada ao leitor, na qual expressa: “meu livro não tem padrinho, assim como não teve molde” (FREITAS, 2016, p. 8), revelando a sua liberdade artística e independência intelectual, instaurando, dessa forma, seu modo de ser e estar no mundo por meio de uma narrativa distinta.

Talvez seja essa a desconstrução que Derrida⁵ aborda em sua entrevista, que virou o livro *Essa estranha instituição chamada literatura* (2014), em que analisa os textos falocêntricos e logocêntricos. Os livros de Firmina e Emília se encaixam no tipo de texto poderoso capaz de desconstruir a narrativa governada pelo falo (representação do órgão sexual masculino e, por conseguinte, do masculino), excluindo o olhar masculino sobre a mulher. Emília de Freitas (2016, p. 8), na nota endereçada ao leitor, explica que sua escrita é, antes de tudo, “a cogitação íntima d’um espírito observador e concentrado, que (dentro dos limites de sua ignorância) procurou numa coleção de factos triviaes estudar a alma da mulher, sempre sensível e, muitas vezes phantásiosa”. Assim, Emília concebe sua narrativa pela lógica feminina, criando seu próprio universo literário.

Além dessas, outras escritoras fantásticas surgiram: Adalziria Bittencourt, em 1929, publicou o seu primeiro romance, *Sua Excelência: a Presidente da República no 2500*, o qual representa uma sociedade utópica, na qual o feminismo vence e é governado por uma mulher, que liberta o país das calamidades causadas pelos homens; a escritora Dinah Silveira de Queiroz, seguindo o mesmo estilo e modo de narrar fantástico, escreveu o livro de ficção científica *Eles herdarão a Terra* (1960), com um enredo sobre extraterrestres anunciando uma nova era.

Lygia Fagundes Telles é outra escritora brasileira conhecida por adotar as vertentes do fantástico em algumas de suas obras. O conto “As formigas” (*Seminário dos Ratos*, 1977) traz uma narrativa de suspense e situações insólitas. O conto “Venha ver o pôr do sol” (*Antes do baile verde*, 1970) transmite um suspense ao longo da narrativa, além de conter elementos do terror, com sonhos alucinantes, com cenas de cemitério, cenas de crepúsculo, sombras e penumbras no decorrer da narrativa. No ápice da trama, a autora faz o uso do “*jump scare*”⁶ (pulo de susto), recurso muito utilizado, atualmente, nos filmes de terror.

Com a finalidade de mostrar a produção feminina no movimento fantástico, a professora e doutora em Teoria Literária e Literatura

⁵ Jacques Derrida (1930-2004) foi um dos pensadores mais influentes e controversos da segunda metade do século XX, sua obra assinala um corte decisivo nos saberes científicos, artísticos e filosóficos, com implicações não menos significativas no campo dos estudos literários.

⁶ *Jump scare*: recursos literários ou cinematográficos, os quais provocam uma ansiedade crescente antevendo o medo pelo o que está por vir. Tal técnica visa assustar ao público com situações inusitadas de terror.

Comparada, Ana Paula dos Santos Martins, lança o livro *O fantástico e suas vertentes na literatura de autoria feminina no Brasil e em Portugal* (2021), no qual a organizadora analisa as narrativas ficcionais de Maria Ondina Braga, Marina Colasanti, Maria Judite de Carvalho, Lygia Fagundes Telles, Augusta Faro, Maria Teresa Horta, Leticia Wierzchowski e Hélia Correia. Segundo a organizadora, o objetivo dessa produção viabiliza mostrar como essas escritoras, dentro de seus respectivos contextos, “foram capazes de construir mundos fantásticos para trazer à tona e desafiar o que é repressivo e dominador, enveredando, inclusive, pelos caminhos da memória e pela relativização do relacionamento amoroso” (MARTINS, 2021, prólogo).

Hoje, grande parte das escritoras do movimento fantástico tem seus endereços *online* nas mídias sociais, como os perfis de relacionamento ou *blogs* para promoverem suas obras. Além disso, elas promovem seus livros por meio das editoras especializadas ou dos eventos voltados para o tema. A exemplo disso, a Editora Estrondo lançou a coletânea *Steampink* (2011), que reúne ficções escritas só por mulheres, embora apresente um prefácio escrito por um homem. No livro há os contos de: Tatiana Ruiz (organizadora), Amanda Reznor, Bia Machado, Dana Guedes, Leona Volpe, Lídia Zuin, Lívia Pereira, Lyra Collodel, Renata Galindo, Tatiana Ruiz, This Gomes, Verônica Freitas e Nikelen Witter. São treze contos abordando o subgênero *Steampunk*. Histórias com cenários diversos, personagens interessantes em tramas repletas de heroínas e de elementos retrofuturista.

O feminino fantástico nas obras de Nikelen

“O que faremos, Elisa? – Perguntou a mãe. A pergunta caiu sobre a filha mais velha com peso”⁷. Em meio a uma guerra civil na cidade em que mora, a personagem principal se vê pressionada a decidir o futuro de sua família. Todos esperavam uma ordem ou atitude dela para decidirem o que fazer dali por diante. Normalmente os homens tomam essas decisões importantes, sendo os responsáveis por proteger e suprir as necessidades da família. No entanto, sabemos que muitas mulheres, por necessidade e falta de opção, são chefes de família ou mães solo. Entretanto, nessa história, Elisa é a chefe de uma família que, entre os seus integrantes, há homens. Mesmo muito

⁷ Trecho do livro *Viajantes do abismo* (NIKELEN, 2019, p. 10).

jovem (apenas 17 anos) e com a mãe viva, Elisa não segue a hierarquia patriarcal e assume o comando das decisões familiares.

O livro *Viajantes do Abismo* (2019) é uma ficção científica *Steampunk* que retrata um futuro catastrófico para a Humanidade, sem perspectiva de salvação, por isso o livro é caracterizado como um romance distópico. O prólogo antecipa que uma guerra surpreende os moradores de Alva Drão, uma guerra política entre os revoltosos e governistas, com assassinatos pela tomada do poder da República tríplice, e os civis na luta pela própria sobrevivência. Como se não bastasse, há outro problema, a destruição da Terra por um perigo iminente: o mundo será engolido pelo deserto, pela areia inevitável que tudo devora. E as pessoas estão alheias a esse fenômeno apocalíptico, porque estão preocupadas com a luta pelo poder. Elisa é a heroína que luta para salvar o planeta.

Todavia, antes de se tornar a líder na luta contra a destruição apocalíptica que se aproxima, Elisa foi rejeitada pelo seu noivo. Nesse momento, a autora faz uma construção de personagem sob a ótica feminista. A desilusão amorosa de Elisa lhe trouxe o ensinamento de que a mulher não deve organizar seus objetivos de vida atrelados a vida de um homem e isso é bem sinalizado no texto. O relacionamento amoroso apresenta-se como pano de fundo para o empoderamento feminino, marcados pela relação binária homem e mulher.

O noivo de Elisa, Larius Drex, tinha ascensão política e casamento não estava em seus planos. Em seu processo de tristeza e frustração amorosa, porque o noivo terminou o compromisso, Elisa conhece uma menina que lhe causa espanto por se mostrar tão sábia ao lhe aconselhar, apesar da idade. Seguindo esses conselhos, Elisa descobre-se curandeira. Além disso, a criança mostrou-se conhecedora de assuntos privados, os quais era impossível ela ter conhecimento. O sobrenatural (elemento do fantástico) intercorre quando a criança aparece e desaparece sem deixar vestígios, mostrando-se um ser onipresente em toda a trama.

Elisa apresenta-se como uma mulher forte, uma mulher que toma decisões por si mesma e desafia o senso comum. Embora saibamos que não é difícil encontrar exemplos de mulheres fortes em nosso cotidiano, Nikelen apresenta Elisa fora dos padrões das mocinhas dos romances, representantes de famílias patriarcalistas. Sendo assim, Elisa desafia o papel e o lugar que lhe são dados como herança pela

sociedade. Ela queria ser diferente do que esperavam das mulheres, como casar e ter filhos, além de outras coisas domésticas relegadas a elas. Elisa não queria seguir à sombra de ninguém, muito menos à de um marido.

Ao ser abandonada e sair da zona de conforto, Elisa se transforma. Encontra um propósito todo seu e influencia o feminino ao seu redor, embora as personagens secundárias tenham sua própria força e sejam igualmente imponentes. Coragem, força e determinação são características presentes nas protagonistas das obras de Nikelen, marcando seu estilo. As personagens femininas de *Territórios Invisíveis* (2017) não fogem à regra, elas têm suas personalidades marcantes. Ariadne – apesar de adolescente – é decidida e não se deixa oprimir por ninguém. A outra personagem feminina de destaque, Marina, mãe dos gêmeos, assume uma posição de empoderamento ao se dedicar a um ideal, ao seu papel na irmandade, a qual estava vinculada, o que a fez desistir da vida familiar, a fez desaparecer da vida do marido e dos filhos.

Na literatura, a maior parte das obras sobre a representação da mulher era escrita por homens e centrava-se na obediência da estrutura patriarcal. Quando não, a mulher era representada por um sexismo; era descrita a partir da objetificação de seu corpo; e a sexualização do seu ser estava a serviço da satisfação e dominação masculina. Com o surgimento do pensamento feminista, em 1960, diversos estudos eclodiram para estudar a mulher, em diversas áreas do conhecimento, de forma diferente a que estamos acostumados em nossa sociedade.

A escrita feminina, principalmente do fantástico feminino, traz mulheres empoderadas, no auge de suas capacidades, com qualidades sem limites. Mulheres com poderes, bruxas, fadas ou simplesmente heroínas corajosas, fortes, de caráter inabalável, obstinadas, simplesmente mulheres de fibra. Mulheres que são percebidas sem esforço algum, porque seus semblantes exalam poder. Conscientes de seus encantos, essas heroínas sabem ser apaixonantes, sem se deixarem subjugar ao que a sociedade impõe. Por meio da escrita feminina, a mulher sai do lugar subalterno no qual ela sempre foi deixada silenciada.

Em *Uma missão para Miss Boite* (Vaporpunk, 2016), o casamento também não era sinônimo de felicidade para a personagem principal. O casamento de Ana Joaquina era baseado em disputa de

poder e frustração amorosa. Ao contrário da heroína Aurélia Camargo – do romance *Senhora* (1875), de José de Alencar (1829-1877) – em que a decepção amorosa a deixou dividida entre o amor e o ódio por Fernando Seixas, a personagem do conto de Nikelen não tinha dúvidas sobre o que fazer com o marido traidor e o conto termina com a promessa de assassinato contra o cônjuge.

Em *Viajantes do Abismo* (2019), o aparente antagonista, com o qual Elisa, inicialmente, trava uma pequena batalha, por pensamentos divergentes, torna-se um aliado especial. Seth torna-se um parceiro amoroso. Começaram como supostos inimigos, envolveram-se como amantes e terminaram como amigos. A separação entre eles foi consensual. Enquanto Larius (seu ex-noivo) a abandonou para “o seu próprio bem”, Seth e ela se separaram para o bem da humanidade, demonstrando maturidade, segurança e respeito pela decisão tomada.

O sexo também é um ponto importante da trama desse livro. Elisa, apesar de nova, mostrasse bem resolvida em relação ao sexo, sem idealizá-lo romanticamente como fazem muitas mocinhas dos romances tradicionais. A sociedade, comumente, usa o sexo para castrar a mulher e a enquadra em uma passividade relativa ao prazer masculino, por isso a interação descrita na obra sugere uma sexualidade livre das amarras do machismo. As atividades de sexo casual cometidas pelas personagens acontecem sem o sentimento de culpa e demonstram o controle do próprio corpo, colocando o prazer feminino acima das normas masculinas. Assim, Elisa e Seth se unem e se satisfazem em uma relação honesta.

A sexualidade de Teodora (irmã de Elisa) também é bem resolvida, a aceitação da homossexualidade da irmã é interpretada de forma tranquila e natural pela protagonista. Outro exemplo ocorre com Tyla, amiga de Elisa (e namorada de Teodora), dona de um bordel, que encara seu negócio como um simples comércio, simplificando o mercado de serviços sexuais, a começar pelo título do estabelecimento: “*Vende-se sexo*”. A análise sociológica desse recorte está no fato de que a guerra desumaniza as pessoas, embora essa seja uma realidade na vida de muitas mulheres: “guerra é guerra e é a vida toda para a maioria das pessoas! Sua prateleira de bonecas é para muito poucos” (WITTER, 2019, p. 420).

Assim, percebe-se que a construção da personagem segue uma evolução emocional e moral diante das demandas que se seguem na

narrativa. As demais personagens também seguem uma evolução e tornam-se protagonistas de suas próprias histórias, diante de suas batalhas pessoais. As personagens mostram-se fortes, destemidas e decididas diante do perigo. Superando todos os estereótipos, enfrentando situações carregadas de violência, nas quais elas aderem à luta armada, contrariando o estereótipo de sexo frágil.

Viajantes do Abismo (2019) mostra também como o descaso, a ganância e a péssima administração dos governantes resultaram na tragédia apocalíptica. Tema não muito distante da vida atual, do nosso cotidiano, considerando as políticas públicas que envolvem as questões ambientais. As distopias nos fazem refletir sobre nosso futuro, embora seja necessário refletir sobre nosso sistema social e nossas decisões políticas no presente.

Essas características distópicas se ajustam à narrativa fantástica por mostrarem o mundo imaginário, desestabilizado, catastrófico, mas flertam com o real, pois mostram o que pode vir a ser. Roas (2014) explica que Alazraki, ao tentar diferenciar o fantástico tradicional do neofantástico, dizia que ambos os “gêneros” têm efeitos diferentes sobre o leitor. No “fantástico tradicional”, o mundo real era sólido, estável e era preciso devastá-lo. Entretanto, a realidade para o neofantástico:

As narrativas neofantásticas, pelo contrário, se apoiam em uma nova concepção do real (reflexo das mudanças decisivas que se produziram na ciência e na filosofia do século XX), uma visão da realidade como uma entidade instável, cheia de buracos (como sugere Johnny Carter em “O perseguidor”, de Cortázar), uma realidade em que, nas palavras de Borges, existem “interstícios de sem-razão”. (ROAS, 2014, p. 142).

Essas mudanças do nosso século, que acompanham o mundo atual, são temas que não se esgotam no mundo da fantasia. O teor metafísico do enredo, a ficção científica, a tecnologia retrofuturista *Steampunk*, o envolvimento de lendas e mitos, o estranho, o maravilhoso do mundo distópico, encontrados nas obras estudadas até aqui, estão reunidos nessa nova tendência estética: o movimento fantasista proposto por estudiosos como Matangrano e Tavares (2019). Para eles, o Fantasismo “é um novo movimento literário cuja origem parece coincidir com o novo século, mas sobretudo, a partir de 2010, quando o mercado de literatura fantástica brasileira começa a se estruturar de fato” (MATANGRANO; TAVARES, 2019, p. 13).

Fantasma ou não, é fato que os temas encontrados nas obras de Nikelen, liderados por suas heroínas, expressam uma realidade cotidiana, na qual o leitor se reconhece, mas se vê surpreendido pelo que parecia improvável, porém não refutável. O livro *Viajantes do Abismo* (2019), alerta-nos acerca dos cuidados ambientais e dos possíveis resultados de ações contra a natureza, em tom de profecia, convertendo-se em uma sensação terrível para os nossos sentidos, uma constatação de um futuro de destruição inevitável.

A paisagem natural e cultural desenhada nessas histórias fantásticas, é eternizada e cria um sentimento de pertencimento em quem lê. Ainda que a interação dos símbolos regionais ali representados esteja em um contexto criado, inventado, o suporte literário consegue exercer sua função social, alertando para problemas sociais diversos. Cândido (2006, p. 54) destaca que “a função social [...] comporta o papel que a obra desempenha no estabelecimento de relações sociais, na satisfação de necessidades espirituais e materiais, na manutenção ou mudança de uma certa ordem na sociedade”.

Tais abordagens mostram as práticas culturais imbricadas nessas histórias ficcionais que, entre outras intenções, conduzem práticas patrimoniais em suas histórias. Em outro conto, “Dezessete mortos” (2020), Nikelen homenageia Santa Maria/RS, colocando a primeira Câmara do Paço Municipal como cenário do seu conto premiado. Nesse exemplo, as narrativas sobre Santa Maria/RS se configuram como discursos identitários sobre a memória histórica da cidade. Marchi (2018) descreve tais discursos como aqueles que exaltam os valores gaúchos e criam uma memória histórica que serve a diversos propósitos culturais, econômicos, políticos e sociais.

Do ponto de vista turístico, tais histórias trazem visibilidade para a região. Os elementos culturais destacados reforçam vínculos identitários dos moradores locais. Somado a isso, o enredo cria contextos diversos sobre o passado histórico, ampliando a dimensão cultural da comunidade. No contexto missionário, Marchi (2018, p. 416) descreve a dimensão dessa relação turística, da seguinte forma:

Ao mesmo tempo em que se utiliza do patrimônio valorizado e das ações que legitimaram esse patrimônio na comunidade, o movimento também se interpõe a essas regulamentações da memória, uma vez que expande as possibilidades narrativas e as conexões entre passado e presente, nutrindo o imaginário em torno do patrimônio e rentabilizando-o.

As relações patrimoniais estabelecidas nessas obras decorrem da intenção de rememorar o passado, valorizando a paisagem imaterial e material por meio de um discurso ficcional fantástico, provedor de estímulos culturais aos indivíduos que consomem essa mensagem. Embora fantasiosa, a literatura reforça os vínculos identitários do leitor e alerta para o patrimônio ali representado. Além disso, a obra fornece aporte para diversas discussões, principalmente sobre as inter-relações entre política, poder, homem, mulher, moralidade, sociedade, cultura, meio ambiente e tantos outros discursos que se depreendem desses temas.

Considerações finais

Culler (1999) afirma que a literatura, como um dos bens do patrimônio cultural, é o ruído da cultura, assim como sua informação; além de ser uma escrita que exige leitura e envolve os leitores nos problemas de sentido. Dessa forma, a literatura ressignifica os sentidos compartilhados pela cultura e os transmite ao povo. Nesse contexto, a cultura com o significado antropológico incorpora todas as representações coletivas de uma sociedade: suas características, seus costumes e seus valores. Como resultado, apropriar-se da literatura é apropriar-se de contextos históricos e sociais que constroem memórias e firmam identidades.

A escrita literária não somente propicia uma experiência prazerosa, como também educa mentes. A representação produzida pela linguagem literária compartilha sentidos em nossa cultura. Usar a fantasia para tratar de problemas reais é um recurso importante para chamar a atenção do cidadão por trás do leitor. Candido (2012, p. 3) nos mostra que:

A fantasia quase nunca é pura. Ela se refere constantemente a alguma realidade: fenômeno natural, paisagem, sentimento, fato, desejo de explicação, costumes, problemas humanos, etc. Eis por que surge a indagação sobre o vínculo entre fantasia e realidade, que pode servir de entrada para pensar na função da literatura.

A escrita feita por mulheres também é necessária, pois desconstrói estereótipos e tipos femininos comumente repetidos na literatura. Elisa não veio para agradar e ela não agrada. Ela destrói toda a expectativa direcionada a ela por ser mulher. Ela não é doce, delicada e não sorri facilmente tal como as mocinhas idealizadas e descritas

pelos padrões masculinos. Também não nos oferece um final romântico feliz, pelo menos não aquele ao qual estamos acostumados. A sobrevivência humana era o ideal mais importante que a consolidação do amor do casal.

Chimamanda Ngozi Adichie, em seu livro *Sejamos todos feministas* (2014), alerta para a necessidade de que mais mulheres se reconheçam em suas qualidades e especificidade, e sejam livres nas suas escolhas, tal como a protagonista Elisa, em *Viajantes do Abismo* (2019). Assim, explica que:

A questão de gênero é importante em qualquer canto do mundo. É importante que comecemos a planejar e sonhar um mundo diferente. Um mundo mais justo. Um mundo de homens mais felizes e mulheres mais felizes, mais autênticos consigo mesmos. (ADICHIE, 2014, p. 126)

Portanto, buscou-se analisar o protagonismo feminino no mundo fantástico na escrita de Nikelen, sobretudo no livro *Viajantes do Abismo* (2019), apontando características do Fantasismo, além de outros temas inerentes às suas obras. Os conflitos descritos na narrativa alertam para a preservação ambiental e, conseqüentemente, a educação patrimonial. Além disso, o protagonismo feminino reforça a importância do papel da mulher na nossa sociedade, em um esforço em suscitar discussões acerca do gênero por meio de uma escrita transformadora que promova a perspectiva feminina.

Por fim, por meio de estratégias narrativas, no livro coabitam uma profusão de vozes femininas que gritam suas dores e alertam sobre os problemas sociais e ambientais, lutando verdadeiramente pelo ideal humanitário. Além disso, o papel da mulher reforça o esforço em levantar uma bandeira em torno do protagonismo feminino, trazendo à baila questões ligadas à “expectativa de gêneros” (ADICHIE, 2014). Dessa maneira, Nikelen, ao propor uma mudança de paradigma na representação feminina, vem consolidando seu espaço na literatura contemporânea brasileira.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *Remate de Males*, Campinas, 2012. DOI: 10.20396/remate.v0i0.8635992. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635992>. Acesso em: 20 jul. 2022.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 12. ed. Rio de Janeiro: Editora Ouro Sobre Azul, 2006.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- CONNELL, Raewyn. *Gênero em termos reais*. Tradução de Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2016.
- DERRIDA, Jacques. *Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida*. Tradução de Marileide Dias Esqueda. Revisão técnica e introdução de Evando Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- FREITAS, Emília. *A Rainha do Ignoto: romance psicológico*. Belo Horizonte: EX! Editora Mulheres, 2016.
- HALL, Stuart. *A identidade Cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. 12. ed. Editora Lamparina, 2015.
- MARCHI, Darlan de Mamann. *O patrimônio antes do patrimônio em São Miguel das Missões: dos jesuítas à UNESCO*. 2018. 524 p. Tese (Doutorado em Memória social e Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.
- MATANGRANO, Bruno Anselmi; TAVARES, Enéias. *Fantástico Brasileiro: O Insólito Literário do Romantismo ao Fantasmismo*. Curitiba: Arte & Letra, 2019. E-book Kindle.
- REIS, Maria Firmina dos. Úrsula. Estabelecimento de texto e introdução de Maria Helena Pereira Toledo Machado. Cronologia de Flávio dos Santos Gomes. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2018.
- ROAS, David. *A ameaça do fantástico: aproximações teóricas*. Tradução de Julián Fuks. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

RODRIGUES, Selma Calasans. *O fantástico*. Séries princípios. São Paulo: Ática, 1988.

WITTER, Nikelen. *Viajante do Abismo*. Porto Alegre: Avec Editora, 2019.

Recebido em: 14/01/2023
Aprovado em: 06/04/2023